



ARRIBA

Nº. 12

Associação de Moradores dos Capuchos

Março 2022

O Inverno do nosso descontentamento

Sumário

Diário de Bordo - Informação aos sócios

pela Direção da AMC

Pag. 2/4

Manuel Henriques

por Alexandre Flores

Pag. 5/6

Ermida de N^a. Sra. da Conceição

de Ferrer Asturiano

Pag. 7/8

Conspirações de fim-de-semana

por Jorge da Silva

Pag. 9/10

Rosalía de Castro

Pag. 11

Os Mistérios da Lua Cheia – 2º episódio: A Missão

por Paulo Figueiredo

Pag. 12/14

Capuchos – Uma aguarela e um poema

de Carlos Canhão

Pag. 15

Seca

por João Paulo Curto

Pag. 16/20

O Inverno do nosso descontentamento

por Um Morador

Pag. 21

A Resposta

Cartoon de Ferrer Asturiano

Pag. 22



O “ARRIBA” é propriedade e edição da
Associação de Moradores dos Capuchos.

Publicação trimestral gratuita. Distribuição por e-mail.
Contactos:

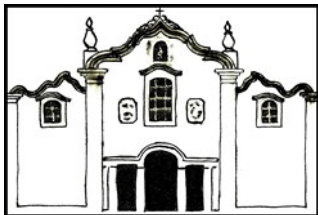
<https://moradorescapuchos.wixsite.com/capuchos>

Facebook:

<https://www.Facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>

E-mail:

associacaomoradorescapuchos@gmail.com



Associação de Moradores dos Capuchos

Diário de Bordo

Informação aos sócios

4/12/21

Assembleia Geral Eleitoral da AMC

Foram registados quarenta e sete votantes (65% dos eleitores), tendo sido apurados os seguintes resultados:

Direção

SIM ----- 43 votos -- 92%

NÃO ----- 1 voto ---- 2%

Conselho Fiscal

SIM----- 44 votos -- 94%

Mesa Da Assembleia

SIM----- 44 votos -- 94%

Votos brancos e nulos ----- 3 votos ---- 6%

Foram, assim, eleitos:

Direção

- José Carlos Rodrigues Nunes Presidente
- Ana Maria Artilheiro Vice-Presidente
- Fernando Santos Silva Vogal
- Mário Jorge Nunes da Silva Vogal
- Paulo Jorge Figueiredo Vogal
- Cláudia Verónica Teles Vogal
- Gisela Maria Guilherme Vogal

Conselho Fiscal

- António Jorge Valentim Presidente
- Maria Rosalina Nunes Secretária
- Alda Soares Silva Relatora

Mesa da Assembleia

- João Paulo Curto Presidente
- Ferrer Lopes Asturiano Vice-Presidente
- Ana Paula Madeira Secretária

15/12/21

1ª. Assembleia das Juntas das Freguesias de Caparica e Trafaria para apresentação e aprovação das Grandes Opções do Plano e do Orçamento para 2022, chumbados, basicamente pela retenção de 65% do orçamento para despesas com pessoal. No período dedicado ao público, a direção da AMC fez uma intervenção expondo ao Executivo e aos Eleitos, os problemas dos Capuchos.

18/12/21

1ª. Reunião de Direção com a seguinte OT:

- 1-Atribuição de cargos de tesoureiro e secretário;
- 2-Periodicidade das Reuniões;
- 3-As próximas atividades da Direção;
- 4-Distribuição de funções pelos membros da Direção.

Foram atribuídos a Ana Maria Artilheiro o cargo de Tesoureira e a Paulo Jorge Figueiredo o cargo de Secretário.

27/12/21

Assembleia Geral Extraordinária das Juntas das Freguesias de Caparica e Trafaria para aprovação das Grandes Opções do Plano e do Orçamento para 2022, que foram aprovados.

27a29/12/21

Assembleia Municipal para aprovação das Grandes Opções do Plano e do Orçamento para 2022, que foram aprovados e cujo objetivo é dotar o

concelho de reformas estruturais de modo a não deixar ninguém para trás.

3/1/22

1ª. sessão pública de Câmara, em que foi aprovado o ultimo relatório de 2021 do provedor municipal dos animais, dr. Nuno Paixão.

7/1/22

Carta dirigida à Presidente da CMAmada, entregue em mão, sobre o espaço da antiga escola primária dos Capuchos.

12,13,14/1/22

Contactos telefónicos com os serviços de Infra Estruturas Viárias e de Veterinário Municipal da C. M. Almada, para atualização de informação quanto a problemas já expostos e ainda não resolvidos.

13/1/22

Envio de mail ao Pingo Doce, inserido no projeto “Bairro Feliz”, com a análise e considerações da AMC sobre as premissas do concurso.

14/1/22

Resposta do Gabinete da Presidência à carta enviada em 7 de Janeiro, remetendo o assunto (espaço da antiga escola primária) para o Vereador Nuno Matias.

18/1/22

Contacto com a ACCA sobre o ponto de situação da maquete do cartão de sócio da AMC.

24/1/22

Envio de mail ao Vereador Nuno Matias sobre a realização da proposta formulada pela AMC relativa ao espaço da antiga escola primária dos Capuchos.

2/2/22

Entrega dos documentos contabilísticos ao TOC para elaboração dos respetivos resultados.

4/2/22

Participação da AMC no plenário da Comissão Social das Freguesias de Caparica e Trafaria, com a presença da Presidente da Junta e de parceiros da área social e de representantes do MAP. Neste plenário ficou acordado entre a Presidente da Junta e o representante da AMC, a realização de uma reunião, nos Capuchos, com a sua presença, com a presença de Vereadores e/ou Diretores Municipais e a AMC para o final de Fevereiro de 2022.

4/2/22

Reunião de direção, via zoom, sobre o desenvolvimento dos documentos que serão presentes à Assembleia Geral Ordinária de 5 de Março de 2022, que vão ser preparados pelo Presidente, pela Tesoureira e pelo Conselho Fiscal e analisados e aprovados por todos os diretores e pelos conselheiros.

7/2/22

Distribuição, pela MAG, da convocatória da Assembleia Geral de 5 de Março de 2022.

11/2/22

Contactado telefonicamente o Serviço de Infra Estruturas Viárias sobre a repavimentação da EN10-1 (lote 3 da empreitada municipal, no troço dos Capuchos). Foi obtida a resposta de necessidade urgente de reunião com o Vereador José Pedro Ribeiro.

11/2/22

Contactado telefonicamente o Assessor do Vereador Nuno Matias, Sr. António Salgueiro, sobre a requalificação do espaço da antiga escola primária (registo E/633/2022), fomos informados de que a nossa proposta merece o acordo do Vereador, mas está a ser analisada pelos Serviços Técnicos. Logo que haja alguma resolução, a AMC será contactada para uma reunião.

14/2/22

Contactado telefonicamente o Assessor do Vereador José Pedro Ribeiro, arquiteto João Campos, com o envio, por mail, do Plano de Ação da Direção, para marcação de reunião sobre a requalificação das estradas Lourenço Pires de Távora, dos Capuchos e do Miradouro e sobre a repavimentação da EN10-1.

14/2/22

Envio de mail à Presidente da Junta de Freguesia de Caparica e Trafaria para agendamento de reunião.

16/2/22

Envio de mail ao Vereador Filipe Pacheco sobre a matilha de cães assilvestrados nos Capuchos.

20/2/22

Atas das reuniões da Direção e do Conselho Fiscal relativas à aprovação dos documentos de suporte à AG de 5 de Março.

22/2/22

Distribuição aos associados, via e-mail, dos seguintes documentos:

- 1 – Relatório e Contas de 2021
 - 2 – Orçamento para 2022
 - 3 – Plano de Atividades para 2022
-

22/2/22

No seguimento do mail da AMC, a JF agendou a reunião para o dia 9 de Março de 2022.

23e24/2/22

Participação à CMA, através da plataforma “Almada +Perto”, de situações irregulares de limpeza de terrenos, públicos e privados, na área de intervenção da AMC.

28/2/22

Distribuição, via e-mail, do nº.12 do jornal “ARRIBA” – edição de Março de 2022.

MANUEL HENRIQUES

Por **Alexandre Flores**

História de vida de um trabalhador rural que veio, em 1866, do Norte do país para a "Outra Banda" (Cebolal, perto de Vila Nova, da freguesia de Caparica, Almada, Portugal)...



Corria o ano de 1866, quando Manuel Henriques foi um dos primeiros rendeiros da secular Quinta do Cebolal, propriedade rústica situada no antigo povoado do Cebolal (outroza, também designado de "Sabolar" que, nos meados do século XVI era de Sebastião Gonçalves).

Manuel Henriques era natural de Castro Daire, uma das terras pitorescas da Beira Alta. Não obstante ser um modesto agricultor, estava bem relacionado com um fidalgo daquela vila nortenha. O fidalgo apreciava as suas qualidades de agricultor. Certo dia, disse-lhe o seguinte: «Manel, hoje vamos ter uma conversa importante! Tenho que fazer uma grande viagem à Caparica, que fica perto de Almada, para lá

de Lisboa. Tenho lá duas tias que vivem numa boa quinta. Uma delas era casada, mas infelizmente o marido morreu-lhe há tempos. As pobres senhoras, já com certa idade e sem perceberem nada de agricultura, pedem-me para lá ir a fim de se resolver a situação. É claro que eu só vejo que, ou se venda a quinta, ou se dá de arrendamento a pessoa capaz. Ora eu estou a pensar que tu, que te estafas aqui a trabalhar à jorna, das para rendeiro. Aquilo é uma quinta de óptimo terreno, está bem tratada, é grande e tem bons cómodos, pois lá vivem há muito tempo. E dá bom rendimento. Se quiseres vais comigo e ficas lá como rendeiro».

Poucos dias depois o fidalgo e o Manuel

empreenderam a viagem para Caparica.

Apanharam várias diligências puxadas a cavalos, de Castro Daire até à estação de Aveiro. Daqui partiram no comboio (que vinha de Vila Nova de Gaia) até Lisboa. Após a travessia do Tejo, tomaram, pela tarde, a carreira da diligência de Cacilhas até ao Largo da Igreja, do Monte de Caparica. Dali dirigiram-se para a Quinta do Cebolal, passando pelos lugares da Torre, Casas Velhas, Arieiro, Lazarim, Vila nova de Caparica, Estrelinha, Funchal. Na verdade, tudo se passou conforme o fidalgo tinha planeado.

Manuel Henriques era um trabalhador hábil na execução de tarefas agrícolas, como o trato das vinhas, das vindimas, da produção do vinho, incluindo a sua actividade de cocheiro local. Um homem de carácter, sempre disponível para prestar qualquer serviço ou ajuda.

Estava-se no ano de 1867, Manuel Henriques, com 30 anos de idade, encontrava-se ainda solteiro. Passado algum tempo travou conhecimento com uma das mais antigas famílias de Caparica, a "Família Teodoro", e acabou por casar com Anacleta, filha do lavrador e comerciante Teodoro. Do novo casal, nasceram vários filhos de ambos os sexos, entre os quais, António Henriques (futuro rendeiro e administrador da Quinta da Estrelinha; referenciado na nossa anterior crónica sobre as «Vindimas na Quinta da Estrelinha»), Manuel Henriques Júnior, Leonor Henriques, Mariana Henriques, Rosa Henriques.

Manuel Henriques, desde os finais da década de 1860, torna-se uma figura respeitada na comunidade rural da Vila Nova de Caparica e arredores. Amava a mulher, os filhos, os netos. No seu quotidiano, quer na actividade rural, quer no ambiente familiar,

distinguia-se o seu bom carácter. Nos momentos festivos, como era o caso do Natal, incutia valores nos seus filhos, como a solidariedade humana para com o próximo. Pedia sempre aos seus filhos para que se dessem bem entre eles, incluindo com os cunhados (por exemplo, alguns filhos do compadre João António de Almeida, pai de Luzia de Almeida Henriques, mulher do fazendeiro António Henriques, o citado rendeiro da Quinta da Estrelinha; de Barnabé de Almeida; de Manuel de Almeida; de Mariana de Almeida) e sobrinhos.

Depois da morte do nosso biografado, os seus filhos cumpriram a vontade do pai, ao ponto de organizarem confraternizações familiares, em ocasiões festivas do concelho, incluindo passeios a Lisboa ou a Sintra, onde nunca faltavam à famosa Feira das Mercês, como se pode observar na foto à la minuta, datada de Outubro de 1932, reconhecendo-se, da esquerda para a direita: a mestra (de ensino primário) Mariana de Almeida (irmã de Luzia), Luzia de Almeida Henriques (mulher do fazendeiro António Henriques), Eduardo de Almeida Henriques (filho de António Henriques e Luzia de Almeida Henriques), António Henriques (marido de Luzia de Almeida Henriques), os sobrinhos (de António Henriques e de Luzia de Almeida): Vergílio Nunes (que vai assegurar, depois do tempo do seu tio António Henriques, desde 1947, a gestão da Quinta da Estrelinha) e João de Almeida. A última figura era o cicerone local.

Alexandre Flores

Texto e imagem inédita. Direitos reservados. Recolha de elementos biográficos e imagem por cortesia de Joaquim de Almeida Henriques, (filho de António Henriques e neto paterno de Manuel Henriques).

Ermida de Nossa Senhora da Conceição

Por Ferrer Asturiano

Algumas semanas atrás, na Trafaria, um amigo perguntou-me se conhecia a “igreja velha”. Não conhecia. E fomos lá ver.

Na ponta oriental da Trafaria, quase na encosta do Murfacém, deparou-se-nos aquilo que parecia uma igreja em ruínas, que, depois, vim a saber tratar-se da Ermida de Nossa Senhora da Conceição.

Desde logo o que me chamou a atenção foi a semelhança da fachada com a do Convento dos Capuchos. Depois recordei-me de que os frades capuchos teriam habitado um convento “perto de Murfacém” antes de Lourenço Pires de Távora, em 1558, lhes construir o atual Convento dos Capuchos.

Seria este o original Convento dos Capuchos? Intrigado, decidi investigar. Não sou historiador nem tenho formação para isso mas... tenho a internet.



<https://youtu.be/SsT5RlvOyRA>

Clique no link para ver o video

No nº. 2 do “Arriba”, em setembro de 2019, em artigo sobre a figura de Lourenço Pires de Távora, pode ler-se:

“Em 1550, Lourenço de Sousa e Silva ofertou aos franciscanos arrábidos umas casas e uma ermida que tinha mandado edificar na sua quinta da Conceição, perto de Murfacém, para que a Ordem aí fundasse um convento dedicado a Nossa Senhora da Conceição.

...

Mas aconteceu que, com o correr dos anos, o espaço disponível se tornou cada vez mais pequeno. Para agravar a questão, sucedia que os frades se viam obrigados a utilizar a água de um poço que era também muito utilizado pelos populares daquela zona. Ora, isto propiciava ruidosos encontros à volta do poço, perturbando o silêncio e o isolamento necessários às orações e afazeres da comunidade religiosa ali instalada. Conhecedor destes factos, Lourenço Pires de Távora mandou construir, à sua custa e num lugar isolado e muito sadio das suas terras, no alto da falésia e sobre a Costa de Mar, um novo convento – este dedicado a Nossa Senhora da Piedade. A obra foi iniciada e concluída em 1558, ano em que os frades para aí se mudaram.”

Pinho Leal, na sua obra “Portugal Antigo e Moderno”, publicada em 1873, na descrição da Trafaria, afirma:

“No centro da povoação, está a grande e bonita ermida de S. Pedro, com capelão, para dizer as missas dos domingos e dias santificados. Tem altar-mor, e dous laterais, no corpo da igreja. Esta não está ornada com luxo, mas com muito asseio, e as suas imagens são muito formosas e perfeitamente encarnadas, sobretudo a

imagem de Nossa Senhora da Conceição, que veio da sua capella, e é formosíssima. Ao E., e na extremidade da povoação, está a ermida de Nossa Senhora da Conceição, que foi incendiada em 1835, e só d'ela restam as paredes. É publica, e hoje está transformada em curral de ovelhas! As suas imagens — que se puderam salvar do incêndio, estão na capella de S. Pedro; e ainda aqui se faz anualmente uma brilhante festa a Nossa Senhora da Conceição.”



(Imagem de N.ª Sr.ª da Conceição, hoje na Igreja de S. Pedro da Trafaria)

Também na Wikipédia pode ler-se:

“A Capela de Nossa Senhora da Conceição é um edifício enorme, de r/c e um piso, mais próprio de uma igreja e dedicado a Nossa Senhora da Conceição.

Terá sido construída a partir de uma ermida que Pedro Rua Magriço, instituído em 1545, e estaria ligada à Quinta da Ladeira ou Quinta da Bica, em Murfacém. O seu filho, Gaspar da Rua Magriço, por não ter descendência, terá deixado a Diogo Ribeiro Cirne, deputado da Mesa da Consciência e das Ordens ou a Lourenço Peixoto Cirne, seu sobrinho, cujo irmão

Domingos Ribeiro Cirne terá vinculado às suas casas na Costa do Castelo, em Lisboa, fazendo surgir o chamado Morgadio da Caparica e da Costa do Castelo.

Tanto quanto se sabe, pertencia ao Solar dos Magriços, hoje ruínas aterradas. A Capela pertencia também aos Magriços, um deles D. Álvaro Gonçalves Coutinho, amigo de Luís de Camões, que o celebrizou como um dos doze cavaleiros que se deslocaram a Inglaterra para defender a honra feminina.

Hoje, também a Capela está em ruínas, após desabar o tecto. Mas não era só capela, no andar superior habitavam os Padres Paulinos. As janelas ainda conservam as grades. No pátio existia e ainda existe um poço enorme que a população utilizava para se abastecer de água. Mas como as mulheres faziam muito barulho nas conversas de umas com as outras, os Padres Paulinos pediram ao seu superior umas outras instalações pois tal algazarra perturbava as suas orações. E assim, foi construído o Convento dos Capuchos para onde se mudaram. Esta Capela não teve boa sorte, começou por sofrer um incêndio em 1835 e as suas imagens mais tarde passaram para a Igreja de S. Pedro, Igreja Matriz da Trafaria.

Em finais de 1800 estava na posse da família Zagallo e Mello, que vendeu a Mariana Ribeiro Danino, casada com um engenheiro Inglês que tinha vindo de Gibraltar, para trabalhar nas Minas de S. Domingos, próximo de Mértola. Curiosamente, em festas religiosas, a procissão ainda sai do local onde se situa a Capela. Posteriormente passou a armazém, vacaria, voltando novamente a armazém.”

CONSPIRAÇÕES DE FIM-DE-SEMANA

Por Jorge da Silva

Com tantas teorias da conspiração a circularem na Internet, propõe-se a criação de mais duas teorias do género, tendo como objetivo usar as ditas para passar um fim-de-semana diferente, em alternativa ao visionamento de arraiais de porrada disfarçados de jogos de futebol. Contudo, a apresentação e discussão dessas teorias requer três condições: um grupo de amigos, um almoço valente devidamente regado e bar aberto.

A primeira teoria é de que existe um plano maléfico para conduzir o povo português à extinção, a segunda é de que existe um plano - mas este é benéfico - para a conquista e domínio do Mundo pelos Portugueses. Começemos pela primeira e coloquemo-nos no papel do apresentador da mesma, perante um grupo de amigos:

"- Eu tenho um amigo, o Fanan, que é dono de um talho, tem a CMTV sempre ligada, anda pelas redes sociais, até vende carne para doutores e gajos importantes, vocês 'tão a ver, o gajo é informado. Então não é

que um dia o Fanan mostra-me uma cena na net que até fiquei a bater mal? Então não é que há um plano dos chinocas para acabar com os tugas? Os tipos descobriram que os tugas têm um gene, ou lá o que é, que os torna mais inteligentes que os outros todos. Vocês estão a ver os judeus, certo? Somos assim como eles, mas sem cheta. O que vale é que houve uns gajos espertos que descobriram e fizeram um site a denunciar, qualquer coisa como "SOS Raça Lusitana", vocês procuram no Google, aparece logo, aquilo tem cada vez mais seguidores. Do que eu percebi, o plano é assim: os sacanas, em vez de matarem logo a gente, fazem pela calada, devagarinho, à chinês. Começam por infiltrar nos cargos políticos os mais incompetentes que conseguem comprar; depois, tratam de degradar o sistema de ensino que é pra malta não saber nada, e por fim, infiltram nas empresas uns pulhas gananciosos que pagam salários miseráveis. Conclusão: os que têm mais estudos emigram e já não voltam, os que cá ficam não fazem filhos porque ganham mal, nem pra casa têm dinheiro."

Passemos à segunda teoria. Tal como na primeira, coloquemo-nos no papel do apresentador da teoria, perante o grupo de amigos.

"- Vocês já ouviram falar do Quinto Império? Pois bem, digovos que não é uma fantasia do Fernando Pessoa, a gente sabe que o gajo não regulava bem da cabeça, mas a ideia foi levada a sério e sei, através de gente bem informada que eu conheço, que a coisa está em marcha e há muito tempo. Tive acesso a um site chamado Último Império. Onde está tudo explicadinho: o objetivo a longo prazo é a formação de um Império espiritual em vez dos impérios materiais que já houve, como o Romano ou o Britânico. Vai daí, para a coisa funcionar, há que espalhar os portugueses pelo mundo. E se as pessoas não quiserem sair, se se sentirem bem por cá? Bem, tem que se dar incentivos para saírem. Que melhor incentivo há que baixos salários, sobretudo para gente qualificada? E 'tá a funcionar, certo? Não há região do mundo sem tugas, exceto os polos, por que faz um frio do caraças. Parece que a próxima fase é infiltração nos lugares de poder importantes. Já enfiámos o

Guterres na ONU, se bem que a ONU não manda nada, na Casa Branca o mais que conseguimos foi pôr um cão-de-água na família Obama, mas correu mal porque o transmissor escondido no cão estava numa parte em que não se costuma fazer festas, e acabou por sair. Enfim, vai levar tempo, mas acabaremos por infiltrar gente na Casa Branca, no Kremlin. E também em Pequim e em Nova Deli - os chineses e os indianos estão em todo o lado e há que liquidar a concorrência. Na União Europeia já não é preciso, os gajos mandam pra cá dinheiro. Quando dominarmos a Europa, fazemos uma Cruzada e expulsamos os muçulmanos. Como veem, está tudo previsto e controlado."

E pronto. O autor desta linhas deseja que o que atrás ficou exposto possa contribuir para tornar os fins de semana dos moradores deste lugar (que parece ter saído de uma conspiração divina pela sua localização e beleza) mais originais e preenchidos. Com tanta desinformação e ruído mental à solta neste tempo que vivemos, mais duas teorias da conspiração não farão moça. Sobretudo, com petiscos e boa pinga à mistura.

Rosalía de Castro



Rosalía de Castro nasceu em fevereiro de 1837, em Santiago de Compostela e morreu em julho de 1885, em Padrón, perto de Santiago, vítima de cancro.

É uma das figuras mais notáveis da literatura galega. A sua poesia foca-se no mundo dos afetos, das crenças, das dores e da saudade, tão típicos do temperamento galego (e do português também!...).

Em 1857, Rosalía publicou o seu primeiro livro, *La flor*, seis poemas românticos escritos em castelhano. Foi autora de várias novelas, no entanto, é mais conhecida pela poesia das obras *Cantares gallegos* (1863) e *Follas novas* (1880) - ambas escritas em galego - e *En las Orillas del Sar* (1884), escrita em castelhano.

Por volta de 1867, Rosalía começou a descrever os próprios sentimentos em verso - o remorso, o desejo reprimido, a angústia de viver, a desilusão da solidão espiritual, o medo da morte, a efemeridade da afeição, a sensação de que tudo é inútil. Toda esta complexidade emocional marca a obra desta sentimentalista ultrarromântica, profundamente lírica.

O poema “¿Quen non xime?” faz parte do livro “*Follas novas*” de 1880. Foi musicado e interpretado por Amancio Prada.

É espantosa a sua atualidade!

Este poema – muito belo, mas um pouco deprimente - é perfeitamente representativo desse “sentimentalismo ultrarromântico” que caracteriza a autora.

Nele, Rosalía admite que o seu “cantar” é triste e sem esperança. Tudo se passa entre a muita luz (que deslumbra os olhos), o muito desejo (que causa inquietação) e a praga que mata os homens.

Toda a esperança é inútil, porque depois de uma praga mortal, outras virão.

¿Quen non xime?

Luz e progreso en todas partes,
pero as dudas nos corazóns,
e bágoas que un non sabe por qué corren,
en dores que un non sabe por qué son.

Outro cantar, din, cansados
deste estribillo, os que chegando van
nunha nova fornada, e que andan cegos
buscando o que inda non hai.

Triste é o cantar que cantamos,
mais, ¿qué facer si outro mellor non hai?
Moita luz deslumbra os ollos,
causa inquietude o moito desear.

Cando unha peste arrebatada
homes tras homes, non hai máis
que enterrar de presa os mortos,
baixa-la frente, e esperar
que pasen as correntes apestadas...
¡Que pasen ... que outras virán!

<https://youtu.be/2NDgxd6Jmnd>

Clique no link para ver o vídeo

OS MISTÉRIOS DA LUA CHEIA

Segundo Episódio

A MISSÃO

Um conto de Paulo Figueiredo



Faltavam poucos metros para alcançar o muro. Os vultos saídos da escuridão eram dois homens.

- Que é que uma gaja como tu anda aqui a fazer a uma hora destas? – interrogou um deles enquanto se iam aproximando de Sonya.

- Essa é a única coisa que sabes dizer?

- Ó filha, eu e aqui o meu parceiro também sabemos fazer umas coisas.

Os homens cada vez se aproximavam mais. Subitamente, Sonya atirou-se a eles com toda a força, derrubando-os. Sem tempo de reação, foram esmurrados um a um.

- Tu deves ser o chefe, ó palhaço, falas muito, que é que andas aqui a fazer?! – vociferou Sonya.

Não houve resposta. Sonya aplicou-lhe mais um murro.

- E tu, não dizes nada? – virou-se para o outro.

Em troca do silêncio, um soco partiu direto à cara do homem.

Sonya reparou numa cruz que um deles trazia, debaixo da camisa em desalinho.

- Onde é que arranjaste isto?

Pegou com força na cabeça e arrancou-lhe a cruz. Pôs-se de pé, meteu a mão ao bolso, a luz do luar refletiu-se no revólver apontado aos dois homens.

- A pistola tem silenciador, ninguém vai ouvir, têm três minutos para cavarem daqui.

Com a fêmea no seu encalço, os dois machos passaram o muro, chegaram ao carro e arrancaram. Sonya ainda conseguiu tirar a matrícula. Sentia que alguém vigiava os seus passos e sentia-se cansada também. Pôs a viatura em marcha e regressou ao hotel.

- Inspetor Sampaio?

- Sim?

- Fala Sonya Barreto.

- Ah, como está? Tem novidades?

- Não tantas como gostaria, enquanto fazia a tal visita, apareceram-me dois idiotas e tive que os despachar.

- Despachar como?

- Não, não matei ninguém. Um deles trazia uma Cruz de Ferro ao pescoço e tirei a matrícula do carro deles.

- Hum...dê-me então a matrícula, por favor.

Assim que a chamada terminou, Sonya olhou para o relógio, indicava dez da manhã. Não queria ter acordado tão tarde, mas o dia anterior tinha sido cansativo. Saltou o pequeno-almoço e optou por um *brunch* num local de que tinha gostado; ficaria com toda a tarde para uma nova

expedição à quinta, desta vez com a luz solar como aliado.

Depois do *brunch* e antes de voltar à quinta, Sonya decidiu gastar algum tempo no miradouro contíguo ao convento. Por vontade própria, teria preferido ali ficar, sem olhar para o relógio, mas tinha um trabalho a fazer que lhe traria algo mais que dinheiro. Entrou no Porsche, arrancou e dirigiu-se em direção à quinta. Passou em frente ao convento, dobrou uma curva à direita, meteu por uma rua cheia de lombas criadas pelas raízes dos pinheiros. Uma idosa caminhava pela rua, tropeçou numa das lombas e caiu. Sonya encostou o carro e socorreu a velha.

- A senhora está bem?

- Sim... sim.

- Tem a certeza? Quer que a leve a algum lado?

- Deixe estar, não se incomode, obrigada.

- Onde é que mora?

- Ai, deixe estar, deixe estar, não se incomode, obrigada, já fez muito, obrigada.

Depois de alguma insistência, Sonya levou a idosa a casa.

- Ao mesmo tempo foi bom, nunca andei num carro destes...

- A senhora não fez de propósito, pois não? – perguntou Sonya, meio a rir.

Algum tempo depois foi a velha a insistir com Sonya para tomar um chá.

- Não posso estar muito tempo, tenho compromissos.

- É só um chá e vai à sua vida.

Enquanto bebia o chá, um pensamento cruzou a mente de Sonya.

- O meu nome é Sonya e o seu é... ?

- Maria da Conceição, conhecem-me por São.

- D. São, eu estou interessada em comprar uma quinta nesta zona, sabe de alguma que esteja à venda?

- Há uma, sim senhora, uma quinta grande, está abandonada há uns anos.

- E tem ideia porque é que está abandonada?

- Não lhe sei dizer, não... Parece que o primeiro dono era um inspetor da PIDE, mas morreu - há quem diga que foi morto – teve vários donos e desde há dois anos que ninguém lhe pega.

- Obrigado pelo chá, D. São. Espero vir a encontrá-la mais vezes.

- Ora essa, eu é que agradeço à menina.

Só com a luz do dia é que Sonya se apercebeu do tamanho da quinta. Tinha muito a vasculhar até topar alguma pista ou, com muita sorte, encontrar o que procurava, de contrário não valia a pena telefonar ao cliente que lhe encomendou o serviço, um tal sr. Albert, cuja ausência de empatia no tom de voz e no discurso indiciavam que só queria ser contactado em caso de haver progressos.

Sonya empreendeu, então, a busca, teria que ser paciente e eficiente. Começou pelo andar de cima da vivenda, percorreu todas as divisões; chão, paredes, tectos, cantos, recantos, portas, janelas, móveis abandonados, tudo foi sistematicamente

esquadrinhado, mas sem resultados. Passou ao rés-do-chão mantendo o mesmo método e obteve os mesmos resultados. Saiu do edifício, entrou na garagem, um espaço vazio, apenas algumas peças auto antigas espalhadas pelo chão. Entrou depois numa outra divisão que devia ter sido um anexo. Tudo vazio. Reparou num pequeno armário pendurado ao canto de uma parede; abriu-o, era um chaveiro, continha três chaves. Registou mentalmente o achado e saiu para o ar livre. Voltou a atenção para o nicho de Nossa Senhora que tinha visto na noite anterior. Pareceu-lhe um nicho vulgar até notar umas cruces esculpidas nos cantos da fachada frontal. Deu a volta ao nicho e encontrou cruces idênticas segundo o mesmo padrão: duas cruces cristãs dispostas em diagonal e duas Cruzes de Ferro na diagonal oposta. Lembrou-se da Cruz de Ferro arrancada a um dos delinquentes que a tentaram atacar na noite anterior. A parte de trás do nicho tinha uma portinhola, num rápido raciocínio, correu ao anexo, abriu o chaveiro, retirou as três chaves.

Uma das chaves abriu a portinhola. Sonya deparou-se com um interior contendo artigos religiosos; não era o que procurava. Ao remexer nos objetos, sentiu que a base era basculante e pressionando esta, surgiu uma abertura mais que suficiente para meter a mão. Usando uma lanterna, apontou-a ao interior, inspecionou o conteúdo, o qual se resumia a uma caixa de madeira, retirou-a e abriu-a. Dentro da caixa, um mapa manuscrito e um rolo de papéis atados com uma fita aguardavam por alguém que desvendasse os segredos mantidos havia décadas. Desdobrou o mapa como se abrisse um presente: o X nele assinalado indicava o que parecia ser um alçapão algures na vivenda.

Algumas horas depois, Sonya observava o pôr-do-sol, preguiçosamente rodando um copo na mão direita, o corpo sentado no quarto de hotel, a mente num lugar sem tempo. Assim que o Sol se despediu de mais um dia, esvaziou o copo de whisky num trago, inspirou como quem ganha coragem e regressou ao presente, focando a atenção nos objetos trazidos da quinta.

Abriu uma caixa trazida do alçapão escondido no interior da vivenda. Águias imperiais, cruces suásticas, retratos de Hitler, cartazes de propaganda, iconografia nazi diversa. Satisfeita com a recolha, passou, então, para a pequena caixa retirada do nicho de Nossa Senhora e desatou a fita que prendia o rolo de papéis. A satisfação deu lugar à estupefação: cartas endereçadas por altos comandos militares às respetivas famílias, ordens escritas e assinadas pelo punho de Himmler, o chefe das SS e até ordens assinadas pelo próprio Hitler. Quase eufórica, só depois de repor os documentos na caixa é que se apercebeu de um pedaço de papel caído no chão. Apanhou-o e nele se podia ler:

Das Rheingold

Basel

23

33

“Que coisas tão pouco cristãs se podem encontrar num nicho de Nossa Senhora” pensou Sonya. Com um sorriso, pegou no telemóvel. Estava na altura de telefonar ao misterioso Herr Albert.

Próximo episódio

O Ritual



CAPUCHOS

uma aguarela e um poema
de Carlos Canhão



Lamentos de uma oliveira centenária

É verdade!
Sou centenária,
embora não o possa comprovar,
pois não tenho
cartão de cidadão.

Sou centenária,
Sou alentejana,
Sou testemunha
de tantas alegrias,
tantas tristezas,
e algumas histórias...

As cicatrizes no meu corpo
atestam a idade e a vida.

Meus frutos
serviram ao pobre e ao rico.
Meu óleo criou luz
onde não havia.
Agora alimentam aves
que povoam os meus ramos,
onde lhes seguro ninhos,
as suas casas.

Separada
das minhas companheiras
sinto-me só,
desamparada,
cercada por pedras toscas
no meio de cardos e urtigas.

Aguardo o passar do tempo
ferida mas ainda resistente.
Espero que invernia mais violenta
não me separe de um braço doente.

Distraído com seus afazeres
o homem
não viu a minha ferida,
e mesmo como o adorno
em que me tornaram,
mereço o seu respeito e atenção
porque um adorno ferido
perde significado,
mostra desleixo e incúria
e acaba morrendo de dor.

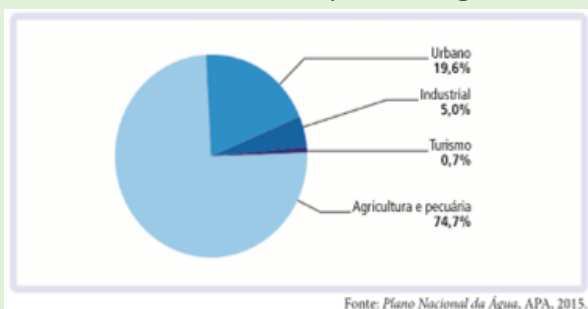
SECA

Por João Paulo Curto

A água doce é um recurso escasso.

De toda a água existente no planeta, 97,5% é imprópria para consumo (água salgada) e apenas 2,5% é água doce, localizada maioritariamente nos glaciares e calotas polares (68,7%), água doce subterrânea (30,1%) e apenas 1,2% nos rios, lagos, na atmosfera e no solo. Por outras palavras, de toda a água disponível no planeta temos ao nosso dispor apenas uma ínfima parte, o que explica a urgência e a necessidade de uma gestão sustentável deste recurso.

Para além de escasso, é um recurso essencial e insubstituível para a vida na terra e para muitas atividades humanas como o consumo doméstico, a agricultura, a indústria, turismo e lazer, via de transporte e produção de energia, entre outras. Devido a esta ampla utilização, o consumo de água é mesmo utilizado como um indicador de desenvolvimento que permite medir a qualidade de vida e o grau de desenvolvimento de um país ou região.



De todas as atividades que necessitam da água, a agricultura é a que mais se destaca. Na figura podemos observar a utilização da água, por área de atividade, em Portugal continental, 2015. A agricultura e a pecuária

consumiam cerca de 75% da água, aumentando para 80% em 2020. A introdução de culturas como a olivicultura intensiva e muito intensiva ou o amendoal aumentaram a exigência de água. Em situações de carência é natural que este seja o setor mais atingido. Em 2022 as culturas de sequeiro estão já ameaçadas, por todo o país à exceção do noroeste. Dificuldades também no pastoreio com a diminuição dos pastos.

Em Portugal continental observa-se uma desigual repartição das disponibilidades hídricas entre o norte e o sul (chove mais a norte que a sul, o que faz com que este seja mais seco e com mais carência de água), um desfasamento entre as disponibilidades hídricas e as necessidades de consumo (no verão a disponibilidade de água diminui mas o seu consumo aumenta) e uma variação interanual (com anos mais secos e anos mais húmidos). Atualmente, apesar de ainda ser inverno, assiste-se a uma situação de seca em todo o país.

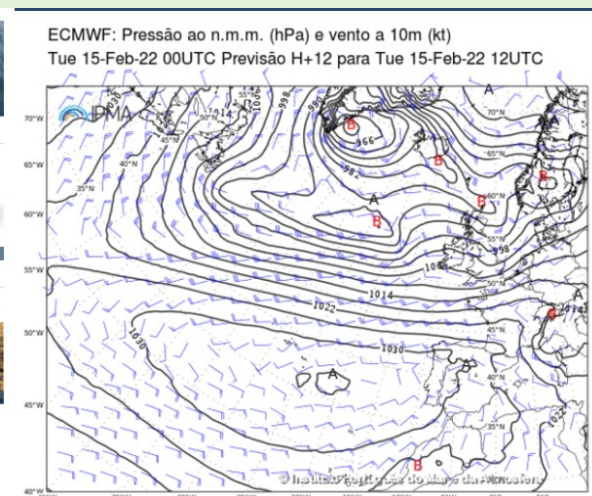
Porquê a seca?

Para responder a esta questão importa perceber quais as condições necessárias para a ocorrência de precipitação.

Para chover é necessário que haja uma subida do ar. Ao subir o ar arrefece, a humidade relativa aumenta e pode atingir o ponto de saturação. Depois vem a condensação (passagem do estado gasoso ao estado líquido) e a possibilidade de

precipitação. Quando o ar desce dá-se o processo inverso, a humidade relativa diminui e não há possibilidade de ocorrência de precipitação.

Basicamente existem três grandes mecanismos responsáveis pela ascensão do ar: devido ao relevo (ao ultrapassar uma montanha), ao aquecimento do ar (comum nas chuvas de verão) e devido aos centros barométricos de baixa pressão atmosférica, conhecidos como depressões ou centros ciclónicos, que costumam estar associados a sistemas frontais. Nestes centros barométricos a circulação do ar é ascendente o que significa que uma região sob a influência destas baixas pressões, irá ter condições para a ocorrência de precipitação, assim como as regiões que estão na passagem dos sistemas frontais.

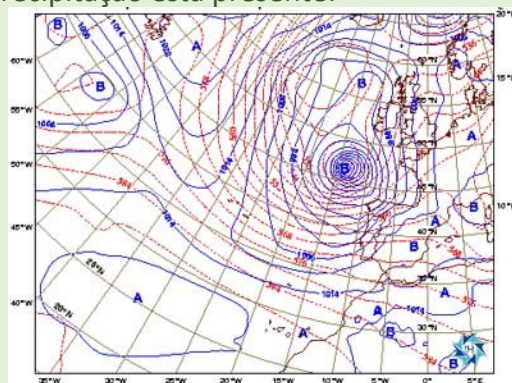


Ora o que se passa no território continental é o estacionamento de um centro de altas pressões ou centro anticiclónico, onde a circulação do ar é descendente (figura 2). E se desce não há possibilidade de ocorrência de precipitação.

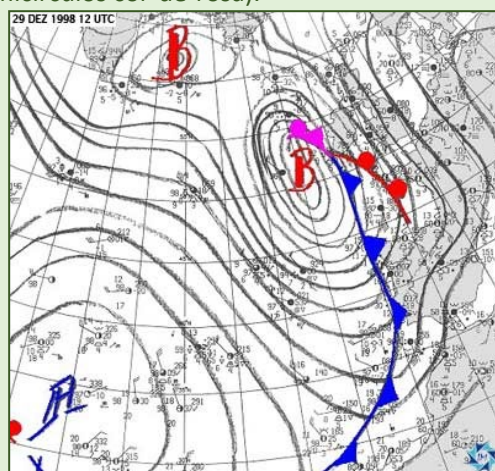
Este centro de altas pressões deveria, nesta altura do ano, estar bem mais a sul, sobre a

região do trópico, o que permitiria a influência dos centros de baixas pressões e a passagem dos sistemas frontais associados, pelo nosso território (visíveis com a letra **B**). Nesta localização, age como um tampão que impede os centros de baixa pressão de descenderem em latitude, influenciarem o estado de tempo em Portugal continental e provocarem a tão desejada precipitação.

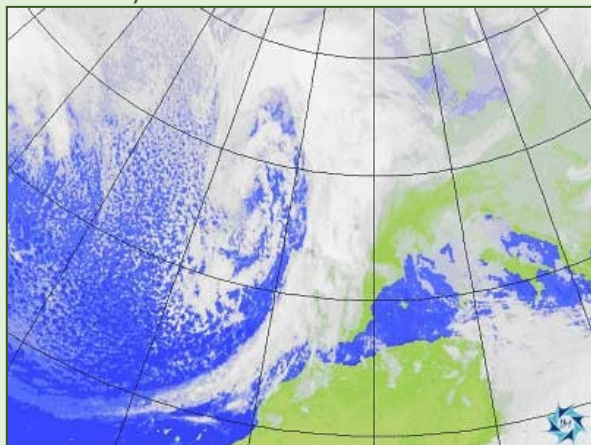
A título de exemplo, as figuras seguintes mostram uma situação normal de inverno, com o anticiclone bem mais a sul e o território continental sob a influência de baixas pressões subpolares onde a precipitação está presente:



Estas baixas pressões estão associadas a sistemas frontais. Na carta de superfície temos A=anticiclone; B=depressão; frente fria (triângulos azuis); frente quente (semicírculos vermelhos); frente oclusa (triângulos e semicírculos cor-de-rosa).



Na passagem deste sistema frontal o ar sobe na frente fria (rapidamente o que dá aguaceiros e chuvas fortes) e na frente quente (o que dá chuva persistente e miudinha).

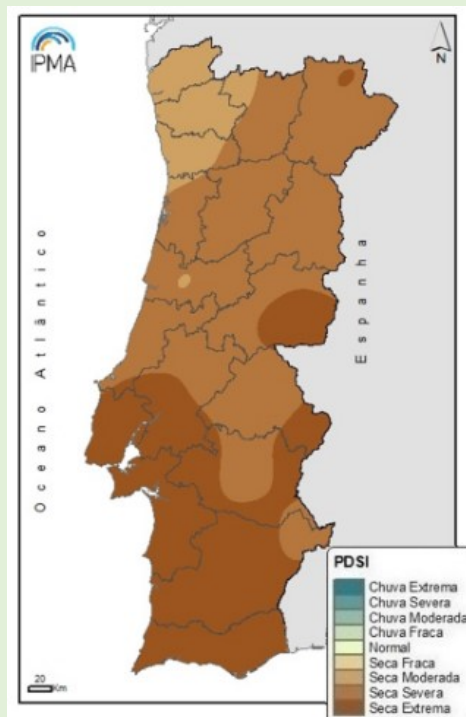


Na fotografia de satélite, correspondente às imagens anteriores é visível a nebulosidade sobre o território continental e a chuva que lhe está associada.

Por exemplo, no ano passado (2021), fevereiro foi, segundo o Instituto Português do Mar e Atmosfera (IPMA), um mês extremamente húmido, correspondendo a 159% da precipitação normal para este mês. Isto aconteceu porque o território continental esteve, neste período, sob a influência das baixas pressões e de sistemas frontais associados que provocaram esta elevada precipitação.

Ao longo dos anos é possível observar anos mais chuvosos e anos mais secos (variabilidade interanual). Esta variabilidade é resultado da deslocação para norte ou para sul destes centros barométricos, das massas de ar e das perturbações da frente polar associadas aos sistemas frontais. Os anos mais secos estão associados à influência dos centros de alta pressão ou anticiclónicos, como descrito.

O preocupante é que esta situação arrasta-se já desde novembro, fazendo com que a seca em Portugal se agrave de dia para dia, não tendo fim previsto. O IPMA afirma que, a 15 de fevereiro de 2022, a maioria do território continental está em seca extrema ou severa, à exceção do Minho (figura 3- Distribuição espacial do índice da seca meteorológica em 15 fevereiro de 2022).



De acordo com as previsões meteorológicas é praticamente certo o agravamento da situação de seca meteorológica no final de fevereiro, em todo o território do continente. O boletim de Agricultura e Pescas sublinha que janeiro de 2022 foi o mais seco desde 2000 e o sexto dos últimos 90 anos e que de 1 de outubro de 2021 a 15 de fevereiro de 2022 registou-se apenas 39% do valor normal. Como resultado, o volume de água armazenado nas albufeiras de Portugal continental regista apenas 40% do valor médio verificado nas últimas três décadas.

A foto, relativa à barragem do Lindoso, praticamente sem água, espelha a situação um pouco por todo o país.



De referir que, para a situação de seca diminuir significativamente ou mesmo cessar no mês de fevereiro, seria necessário que nas regiões do Norte e Centro ocorressem quantidades de precipitação superiores a 200/250 mm e na região Sul superiores a 150 mm, situação que somente ocorre em 20% dos anos. O que, sem dúvida alguma, não será o caso deste ano.

Acresce a temperatura mais elevada que o normal para a época. Como curiosidade o mês de dezembro de 2021 foi o 4º dezembro mais quente desde 1931 e o observatório da Zambujeira registou o valor de 26.4 °C, que é um novo máximo para esta estação e constitui um novo extremo para o mês de Dezembro em Portugal continental desde 1941.

A gestão dos recursos hídricos

A crescente utilização da água doce pelas diversas atividades económicas e a sua crescente escassez, requer uma melhor gestão que garanta uma utilização sustentável, assegurando as necessidades das gerações futuras.

É a Lei da Água que estabelece as grandes opções da política nacional da água. Esta

apoia-se em diversos instrumentos como o Plano nacional da Água, os Planos de Gestão da Rede Hidrográfica (PGRH) ou os Planos de Gestão das Bacias Hidrográficas (PBGH) entre outros.

Como este recurso não tem fronteiras, Portugal é também subscritor de várias convenções a nível internacional, comunitário e ibérico.

Dos instrumentos legislativos, destaque para o Plano Nacional da Água. Elaborado no âmbito da Lei da Água, foi aprovado em 2016 para um período máximo de 10 anos. Inclui uma análise dos principais problemas das águas e o diagnóstico da situação à escala nacional, assim como a definição de objetivos, medidas e ações.

Logo no artigo 1º, alíneas e) e f) refere a necessidade de mitigar os efeitos das secas (e inundações) e “assegurar o fornecimento em quantidade suficiente de água de origem superficial e subterrânea de boa qualidade, conforme necessário para uma utilização sustentável, equilibrada e equitativa da água.”

O Programa Nacional para o Uso Eficiente da Água (PNUEA) da responsabilidade da Agência Portuguesa do Ambiente (APA) centra-se nas reduções das perdas de água e na otimização do seu uso, de modo a aumentar a eficiência da utilização da água, contribuindo para minimizar os riscos de escassez hídrica. No contexto da Lei da Água existe ainda o Plano de Gestão de Secas e Escassez (PGSE) que “visa mitigar os efeitos económicos, ambientais e sociais de eventuais episódios de seca e escassez de água”, segundo a APA. Com as

alterações climáticas é previsível um aumento do risco e da vulnerabilidade a este fenómeno. Estes planos devem ser corretamente operacionalizados já que constituem uma prevenção e uma resposta a situações de seca como a atual.

Na hierarquização de usos dá-se prioridade absoluta ao abastecimento público relativamente a qualquer outro uso da água. Em 2017, cerca de 96% dos alojamentos do território continental, eram servidos pelo abastecimento público de água. Importa assim garantir a qualidade da água a abastecer e também o seu armazenamento para obviar à irregularidade anual e interanual. A construção de barragens de retenção e de produção pode responder a esta questão. Também os transvases, ao transferir água de regiões mais húmidas para regiões mais secas, podem ajudar a colmatar as necessidades de água. No entanto, este tipo de infraestruturas tem de ser devidamente ponderado porque a sua construção é irreversível e gera impactos negativos nos territórios.

Racionalizar o consumo de água

Sendo a água um recurso vital, escasso, estratégico e estruturante impõe-se um uso cada vez mais eficiente e racional das disponibilidades hídricas existentes.

Segundo o PNUEA, o desperdício de água em Portugal ainda é bastante elevado. Em 2020, no setor agrícola (que gasta cerca de 80% da água utilizada em Portugal) este desperdício atingiu os 35%, no setor industrial cerca de 15% e no setor urbano perto dos 20%. Portanto, para além de nos queixarmos da falta de chuva, muito se pode fazer, principalmente na agricultura e pecuária visando uma gestão mais sustentável na sua utilização. A rega gota a gota, a utilização de drones para assinalar as zonas a

regar ou o uso de sensores para determinar as necessidades de rega, são apenas algumas das técnicas utilizadas.

As técnicas e as tecnologias para a sua aplicação são amplamente conhecidas e utilizadas noutras latitudes e até mesmo em Portugal. Falta a sua implementação em larga escala e claro, os apoios necessários, quer em termos financeiros, quer em termos de formação. E aqui, apesar de alguns avanços, os responsáveis estão a dormir na formatura, apesar de munidos de boas intenções. E como responsáveis, temos, sobretudo, os organismos e instituições do governo e as confederações de agricultores e criadores de gado, que já tiveram ocasiões para fazerem mais no sentido de minimizarem o problema cíclico da seca em Portugal continental.

Todos estes desperdícios representam uma deseconomia para o país, avaliada em muitos milhões de euros, anualmente. No final, significa que o consumidor acabará por pagar mais caro. É ele que irá absorver todos estes desperdícios, traduzidos em custos. Mais caro os produtos agrícolas, mais caro os produtos pecuários, mais caro a energia, mais caro a água.

Mas todos nós podemos contribuir para um uso eficiente da água. Tal como noutras áreas, também nesta se aplica os 5R da sustentabilidade:

Reduzir, Repensar, Recusar, Reciclar, Reutilizar.

São inúmeros os sites que nos podem esclarecer sobre como aplicar os 5R na poupança do consumo de água e no seu uso mais eficiente, como noutros setores como a energia, recursos naturais ou resíduos sólidos urbanos, entre outros. O ambiente agradecerá. E a nossa carteira também.

O Inverno do nosso descontentamento

Por Um Morador

Há já muitos anos que o pavimento das nossas ruas está num estado miserável. Cada novo “remendo” num buraco acrescenta uma nova lombas às já existentes. Em resultado disso hoje dispomos de uma autêntica pista de “todo-o-terreno”.

Foi, em boa parte, por esse motivo que, há 7 anos, fundámos a nossa Associação. E aí começámos a percorrer o nosso “caminho das pedras”...

Propusemos, então, que se aproveitasse a inevitável obra de repavimentação para enterrar os inúmeros fios aéreos e para a construção dos passeios.

Tentámos de várias formas: por escrito, presencialmente, de viva voz, etc.. Nada resultou... Mas continuamos a tentar!

Entretanto aumentaram os fios, os buracos e as lombas e diminuíram os passeios (rebetados pelas raízes das árvores), dando ao lugar dos Capuchos o aspeto dum lugarejo terceiro-mundista à volta de um belo convento. Qual burgo medieval...

Durante o ano passado, alguns moradores, entre os quais me incluo, decidiram utilizar a plataforma “Almada mais perto” para aí, mais uma vez, chamar a atenção para este estado de coisas.

Ao fim de longos meses, já neste ano, fui surpreendido por um e-mail enviado pela referida plataforma, comunicando-me: “o seu problema está resolvido”.

Resolvido?

A minha primeira reação foi de indignação. “Estão a gozar comigo!” – pensei.

Mas depois refleti: “Estou a ser injusto.” Deve tratar-se apenas de um funcionário que terá sido incumbido de resolver os pequenos problemas, de “tapar buracos”... e que está a tentar cumprir, inocente e diligentemente, a sua função.

Mas é claro que “o nosso problema” não está resolvido. Antes pelo contrário.



Já na estrada nacional 10-1 a questão é ao contrário: faltam lombas. Há anos que alertamos para a necessidade de instalação de lombas limitadoras de velocidade.

Também a inexistência de passeios em alguns trechos leva ao estacionamento de carros nas bermas, obrigando assim os transeuntes a circularem pelo meio da estrada.

O que será preciso acontecer para este problema ficar, também ele, resolvido?

Outra questão! No terreno da antiga escola primária (com telhado de amianto) estava instalada uma pérgula no recreio dos miúdos. Quando retiraram o telhado de amianto e desmantelaram o edifício (perdulariamente, porque, com outra cobertura, podia ser recuperado para outras atividades) desmontaram (e levaram) também a pérgula, que ficava muito bem no jardim público que sempre pretendemos para este lugar. Porquê?

Custa-me a crer que a CMA saiba disto!

Quem tratou deste desmantelamento foi o GIRA, numa altura em que já sabia que a concessão lhe ia ser retirada. A troco de quê? Por onde andar a nossa pérgula?

Quanto ao desejado jardim público, temo que, quando a Primavera chegar e o mato, que cobre o terreno da antiga escola, florir, venhamos a receber de novo um e-mail comunicando-nos que “o nosso problema está resolvido”...

A RESPOSTA



Tenho uma resposta!
Tenho uma resposta!



Tenho uma resposta!
Tenho uma resposta!



Tenho uma resposta!
Tenho uma resposta!



Alguém tem
uma
pergunta?

fevereiro/março 2022

